

No berço do funk, moradores vivem na fronteira com o tráfico

RIO DE JANEIRO (Reuters) - Os líderes comunitários da Cidade de Deus, que recebe o presidente Lula no sábado, garantem que há 120 mil moradores no local, mas o IBGE só confirmou 38 mil no censo de 2000. Há 11 escolas, coleta de lixo, água, esgoto, luz e TV a cabo em quase todas as casas, mas só um posto de saúde.

Mais de 80 por cento são donos ou estão pagando por suas casas, 67 por cento têm trabalho fixo legal, com renda mensal de 440 reais, mas 26 por cento das famílias são consideradas miseráveis, segundo estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV), coordenado pelo professor Marcelo Neri em 2004.

A fronteira entre trabalho limpo ou para o tráfico é tênue. Na tarde de quinta, na subida dos "apês", um jovem com um rádio Nextel e um saco azul com trouxinhas de maconha grita para o freguês que desce a rua: "Olha, por 700 reais eu topo. Diz lá na firma que eu tenho experiência na carteira de trabalho."

Na Cidade de Deus, 20 por cento dos moradores se declaram ateus, três vezes mais que a média brasileira, mas há igrejas, templos, centros e terreiros de todas as religiões e cultos. E há, além da escola de samba, do bloco carnavalesco e da "base" da Central Única das Favelas (Cufa), duas associações comunitárias, 18 times de futebol e incontáveis grupos de dançarinos funk, os chamados "bondes".

"Aqui é o berço do funk no Brasil. Acho que tem uns 185 bondes", calcula Wanderson Gomes, da pioneira dupla Jack e Chocolate. Ele é o Chocolate, com os cabelos pintados de louro. Em CDD, 62 por cento se declaram negros ou pardos, um dos mais altos índices nas favelas do Rio, segundo a FGV.

## BAGULHO DOIDO

O hip-hop projetou MV Bill, organizador do encontro de Lula com os jovens no sábado e fiador do comício em CDD, onde continua morando. Os versos de Bill falam do tráfico e da violência de uma forma engajada, que trata fornecedores e consumidores de drogas como faces do mesmo quadro de desigualdade social.

"Teu pai te dá dinheiro/ Você vem e investe/ No futuro da nação/ Compra pó na minha mão/ Depois me xinga na televisão", diz a letra de "O Bagulho é Doido", seu último clip.

O funk projetou Tatiana dos Santos Lourenço, a estrela do funk Tati Quebra-Barraco. Tati tem shows marcados no Canadá em setembro, mas há uma semana foi levada à delegacia por porte de maconha. Foi solta e estreou a nova lei, que limita os casos de prisão de usuários, sancionada na véspera pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

"É muito bom o Lula vir aqui, por que ele vai ter de ouvir", avisa a funkeira.

Se ouvir "Montanha", "Fu", Vitor, Diego e Eduardo, os cinco integrantes do bonde do Bacardi, Lula saberá que eles querem cursos profissionalizantes, faculdades na favela, ações que dêem "uma oportunidade de futuro ao jovem".

Também vai ouvir de Lurdinha, vendedora de cachorro-quente, que "tem de olhar mais para a saúde e acabar com a corrupção". E encontrará alguma solidariedade em relação às denúncias que atingiram o PT e o governo.

"A corrupção é um bagulho tonto", filosofa Roberto Luiz da Silva, 43 anos, eleitor de Lula. Beto Cadeira, como é conhecido, ficou paraplégico quando trabalhava para o tráfico e hoje vende balas num sinal de trânsito. "O Lula não é só brejo, só lodo, como falam aí. Até Jesus, que é Jesus... Não caguetaram ele?"

/td>